

# Livros que seu aluno pode ler Biologia e Geografia

## Distante viagem para o próximo

PROF. DR. NELSON REGO<sup>1</sup>

**B**oa noite, muito obrigado à Luciene, à Juliana e ao pessoal do PET Letras pelo convite. É um prazer estar aqui e ter ouvido a palestra da Russel.

O primeiro ponto que eu destaco é que, na Educação Básica, o professor pode se relacionar com situações variadas quanto a faixas de idade e outros fatores que influenciam na constituição de níveis de leitura e compreensão. Ele também poderá se deparar com uma resistência generalizada à leitura e com a dificuldade de compreensão do que é lido. Uma experiência que pode evidenciar isso é a observação de listas de discussões, pois nelas é possível constatar distorções interpretativas de textos simples. Determinada pessoa diz algo, e outra rebate com

---

<sup>1</sup> Nelson Rego é Doutor em Educação e Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, onde atualmente é professor associado.

argumentos que apresentam pouquíssima relação com aquilo que a primeira pessoa escreveu. Então, a primeira faz a tréplica que, por sua vez, também apresenta pouca relação com a réplica.

Frente a essa dificuldade, parece-me instigante explicitar e fazer dialogar com a provocação inicial – *Livros que seu aluno pode ler* – uma outra questão: o que e como o professor pode propor que seus alunos leiam a partir do que ele lê?

Partimos do pressuposto de que ele pode estabelecer uma relação entre aquilo que lê e a sua atividade como professor. O que significa dizer que esperamos que ele consiga fazer uma leitura do texto que se relacione com a construção do conhecimento em sua área específica como professor.

Fui convidado a falar sobre Geografia e leitura. Então, a ênfase se dirige à leitura geográfica que um professor pode fazer dos textos que lê. Se ele for capaz de fazer uma leitura geográfica de textos inicialmente considerados não geográficos, poderá tentar motivar os alunos a fazerem leituras também geográficas desses mesmos textos e de outros. O professor poderá propor atividades, como debates, pesquisas e outras leituras e escritas relacionadas com essa leitura geográfica que ele é capaz de fazer, e que pode ser vista como uma provocação inicial.

Outro aspecto fundamental é que, ao fazer essas provocações, um novo deslocamento se torna possível: o adensamento da leitura pode incentivar não apenas o hábito de ler, mas também a vontade de escrever. Quando as pessoas passam a escrever, elas leem melhor; quando elas passam a ler melhor, elas escrevem melhor. Nessa mútua alimentação entre leitura e escrita, a indagação sobre qual leitura geográfica que o professor é capaz de fazer se encontra com outra: quais são as provocações que ele é capaz de criar, a partir dessa leitura geográfica, para incentivar a leitura e a escrita dos alunos?

Fiquei pensando: para a finalidade da palestra, quais são os livros de que eu gosto? Resposta: não interessa. O que interessa é tentar exemplificar aspectos que possam ser trabalhados como leituras geográficas de um professor que vai ler e tentar fazer essas leituras de modo que incentivem escritas relacionadas a elas. Então, vou citar livros de diversos tipos, mas

sem a intenção de dizer “leiam esses livros”. Não se trata de recomendações de leituras, mas, sim, de exemplos para possíveis tentativas de realizar esse processo de leitura e incentivo à escrita. Não vou me preocupar com a maior ou menor envergadura literária dos exemplos. O que está no centro das atenções não é a obra, mas a leitura que o professor pode fazer dela e as práticas que ele é capaz de propor a partir dessa leitura, as provocações, as brincadeiras, as pesquisas, os debates.

A leitura geográfica: iniciarei com um chavão. Já que estamos falando de Geografia, acho que a maioria das pessoas, num primeiro momento, vai associar isso a relatos de viagens, comentários sobre países considerados exóticos, natureza, paisagem. Pensará que uma leitura obviamente geográfica seria a de grandes viajantes e de livros relacionados a grandes viagens. Um livro que eu sempre gostei foi *O livro das maravilhas*, do Marco Polo (1999), que, na verdade, foi escrito por Rustichello de Pisa. Marco Polo era um homem culto, que sabia falar vários idiomas, e era analfabeto, ou quase. No início do século XIV, não era um paradoxo um sujeito ser tido por culto e poliglota e ser quase analfabeto, pois o meio para a transmissão da cultura ainda estava muito mais na oralidade do que na palavra escrita. O livro de Marco Polo, redigido por Rustichello de Pisa, foi escrito na prisão.

Caídos prisioneiros numa das tantas guerras entre as cidades italianas, eles dividiram a cela durante alguns anos. Marco Polo narrava, Rustichello foi um ouvinte atento, que fazia perguntas e anotava. O livro registra acontecimentos, personagens e lugares fabulosos e fascina pelo cuidado dos dois autores em distinguir e registrar criteriosamente aquilo que fora presenciado pelo próprio Polo e aquilo que, ao contrário, ele narrava por ter ouvido falar. O fascínio está em observar que vão se formando dois universos ao mesmo tempo separados e relacionados, em que o menos fabuloso e mais crível pertence ao testemunhado de modo direto por Polo, e o fantástico vai se agrupar na coleção das coisas sobre as quais ele apenas ouviu falar, mas que, não obstante, influenciaram com força seus temores, expectativas e observação de mundos até então desconhecidos. Para um leitor atento, são os preâmbulos dos futuros séculos, batizados de Idade Moderna, e do aparecimento do chamado espírito científico que se agitam no livro, no qual é possível sondar o misto de encantamento e ceticismo que deve ter pautado as conversas de Rustichello com Marco Polo. Hoje, na leitura dos outros mundos que compõem nosso único

mundo globalizado, como o aluno poderia ser o Rustichello fascinado e desconfiado que escuta e escreve narrativas sobre desconhecidas geografias? E como poderia tornar-se o grande viajante Marco Polo? O Extremo Oriente já ficou tão mais próximo e menos misterioso. A aventura de explorar terras estranhas pode ser realizada por mim na minha própria cidade? Através de quais percursos, de quais narrativas e de quais escutas?

Outro livro associado a viagens, e que propicia uma perspectiva histórica de temas geográficos, é *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto (1984) – que não objetivou escrever uma obra que engrandecesse os feitos da pátria nem procurou sublimar a crueza dos fatos narrados através de efeitos estéticos. Ele escreveu uma extensa narrativa sobre massacres, ambições, violências, exploração sexual, sem omitir sua ativa participação nesses atos. Deixou-nos um relato vívido acerca da tentativa do domínio português sobre as populações e riquezas do Oriente. Trabalhar com essa crueza de Fernão Mendes Pinto e traçar paralelos com a geografia e a história atuais, por exemplo, com a exploração do território amazônico pelo Brasil do agronegócio, é um desafio instigante para um professor.

A antiga adaptação da Editora Melhoramentos para os diários de viagens de Alexander Von Humboldt (HUMBOLDT; THOMAZ, 1966) descreve a natureza do continente americano e os costumes dos povos. Há um momento, em seu diário, no qual Humboldt formula o famoso vaticínio de que o Brasil viria a ser o país do futuro, ao refletir sobre os recursos naturais aqui existentes. É um livro ótimo para causar uma sensação que é, ao mesmo tempo, de familiaridade e de estranhamento em relação ao que é descrito e comentado. Trechos do livro podem ser utilizados para incentivar o aluno a essa leitura da “leitura” feita pelo estrangeiro, por terras que poderão parecer ao leitor de hoje, simultaneamente, tão distantes e tão próximas. O incentivo dado pelo professor dependerá de sua própria capacidade de ler geograficamente o livro de Humboldt, associando o histórico ao espaço contemporâneo.

O diário de Darwin (DARWIN; GALINDO, 2006), publicado recentemente pela Editora da Universidade Federal do Paraná, é outro livro maravilhoso. Não é nos diários que Darwin chega a formular a teoria da evolução das espécies, mas neles podemos acompanhar sua aproximação à formulação

da teoria como se estivéssemos assistindo a uma novela. Leremos Darwin relatando “eu observei tal coisa, uma borboleta assim e assado, desembarquei no Rio de Janeiro, caminhei pela floresta, observei isso e aquilo, etc., etc., etc.”. Nós vemos que existem dúvidas crescendo nele. Ele está descrevendo fatos, fazendo observações que o vão deixando inquieto. É perceptível que Darwin está em busca de respostas para perguntas que ele ainda não sabe quais são e das quais vai se aproximando no curso do diário. No final, inexistirá uma conclusão, mas terá ficado claro o quanto a viagem o deixou inquieto. O diário de Darwin pode ser lido como uma novela com final em aberto.

Esses são alguns exemplos de livros que podem satisfazer em grande estilo ao chavão que associa Geografia a viagens. São livros que lançam ao professor-leitor o desafio de criar abordagens de leituras geográficas fortemente relacionadas ao tempo.

Livros de viagens atuais ou recentes também se encaixam nessa perspectiva, com o facilitador de não acentuarem as exigências da perspectiva temporal na leitura geográfica. Não é necessário que o livro seja literário. E, se for literário, não necessariamente precisa ser um representante da grande literatura. Por exemplo, livros policiais costumam dar ênfase aos lugares, pois situar o leitor numa determinada ambientação é parte importante, muitas vezes, para o desenvolvimento do enredo e para enredar o leitor na atmosfera da narrativa. Os escritores policiais costumam dedicar-se a minuciosas pesquisas acerca de cenários e costumes.

Mas permanecer na associação entre Geografia e viagens é restringir-se ao chavão. O lugar-comum pode ser a porta que nos dá passagem para um universo mais abrangente. E o lugar-comum que associa Geografia a viagens alimenta-se da curiosidade. A curiosidade torna-nos vivazes. Mas essa curiosidade se restringe ao interesse pelo que aparenta ser exótico ou vai além? As viagens de descobrimento podem familiarizar-se ao que antes era estranho e estranhar o que antes era familiar? As leituras geográficas podem ser viagens de descobrimento que aumentam os horizontes e a noção do que seja a humanidade em sua multiplicidade de expressões de vida?

A geografia procura compreender a produção desse grande espaço que é o mundo, com as suas áreas naturais e suas áreas artificiais, e com

as misturas de todos os tipos entre o natural e o artificial, com as suas cidades e seus campos, com os seus povos e a riqueza de suas diferenças culturais e com as mazelas das desigualdades histórico-sociais. A Geografia se interessa, por exemplo, pelo tamanho das propriedades rurais e pelos problemas humanos ligados à produção agrícola. O desmatamento, a poluição, o crescimento das cidades, o êxodo rural e a qualidade das habitações são exemplos de temas geográficos.

Assim, é uma literatura que favorece a leitura geográfica aquela que, com mais ênfase, situa seus personagens em tramas com muitos elementos que possam ser identificados como manifestações da cotidianidade mundana da vida desses personagens – a sua cotidianidade histórico-geográfica.

Vou citar dois exemplos da grande literatura que talvez, num primeiro momento, poucos pensassem em associar com geografia, mas que são livros que têm uma conotação espacial muito grande. *A metamorfose*, de Kafka (2000a), narra um drama que se passa dentro de um quarto fechado. É o drama de um sujeito que acordou transformado em um grande inseto, que, aliás, não é uma barata, ao contrário do que se diz comumente sobre a história. Kafka fala num grande inseto, sem especificar de que tipo. O personagem desperta e, ao tentar sair da cama, se debate com as suas patas viradas para cima e com sua nova – ou velha? – condição existencial. O drama se passa num quarto fechado. Encerrado nesse quarto, o grande inseto humano ouve os rumores do que acontece do outro lado da porta. Aos poucos, consegue estabelecer traumáticos contatos com as pessoas da família, que vêm falar com ele. Essa tensa relação revela-se um filtro que transmite com nitidez inusitada a sociedade que se faz invisível do outro lado da porta. E então isto que vem lá de fora, narrado através da perspectiva angustiada de um inseto, e que inclui o que esse inseto ouve os outros falarem a respeito dele, com repulsa ou com carinho, forma uma visão do mundo que se faz presente pela ausência, pela recusa de adentrar no quarto habitado pelo inseto. Há uma espacialidade tremenda na trama, no sentido de que uma visão mais nítida do mundo se torna possível através da barreira claustrofóbica.

O outro exemplo é também kafkiano. *O processo* (KAFKA, 2000b) tem uma espacialidade notável. Trata-se da narrativa sobre um sujeito que percorre labirintos, labirintos e mais labirintos dentro de edifícios fechados,

em busca de descobrir trâmites de um processo ao qual ele responde, e ao qual faz questão de responder, sem perguntar qual é o motivo. Ele espera o tempo que o obrigarem a esperar, diante de portas que nunca se abrem. Percorre esses labirintos físicos e burocráticos, num sobe e desce de escadas e num vaivém por corredores e passagens de um edifício para outro. Ele desenha uma espacialidade que pode ser comparada, quem sabe, com as espacialidades de nosso dia a dia, de nossas cidades, de nossas burocracias, de nossos locais de trabalho, da escola, de nossos hábitos de vida.

Então, essas leituras podem servir para trazer aspectos que dizem respeito às nossas vidas para o centro das atenções. Aí se ressalta uma condição fundamental: a compreensão ativa do que é lido, isto é, a compreensão se realiza a partir das referências de experiências vividas pelo leitor. Não necessariamente as referências têm que iniciar pelo que é mais próximo, pelo meu quarto, pela minha casa, meu bairro, minha cidade, meu cotidiano. Não precisa haver essa linearidade que vai do círculo concêntrico mais interno para o segundo e depois outro e mais outro até chegar ao cosmo. Mas algo que seja lido e não apresente qualquer encaixe com o sistema de referências adquiridas por experiências prévias não terá, de modo algum, a mesma compreensão. Pode passar batido.

Vou me referir a outro exemplo de possibilidade. Acho que muitos aqui devem ter visto no cinema, aliás, não, considerando as idades, só alguns devem ter visto no cinema, na verdade só um ou outro deve ter visto no cinema, mas muitos devem ter visto o filme *Blade Runner* (1982) em casa, na televisão ou num vídeo. Tu viste no cinema? Sim? Tu, não? Viu na TV? Certo. Esse filme é um dos clássicos do cinema das últimas décadas, ele é de 1982, se eu não estou enganado. O filme é baseado no livro *O caçador de andróides* (DICK, 1989). O livro pode ser considerado como o roteiro do filme, porque o filme, em grande parte, segue a sequência dos acontecimentos na narrativa do livro. Bom, mas, na verdade, não é isso que está em questão, se o filme segue ou não segue o livro, isso não importa, são duas artes diferentes e um filme não precisa meramente seguir o livro que o inspirou. O que eu quero destacar é que tanto o livro como o filme oferecem possibilidades de leituras geográficas que podem ser utilizadas pelo professor.

Vou dar um exemplo. Aqueles que viram o filme vão se lembrar de uma passagem em que o detetive, interpretado por Harrison Ford, recolhe uma escama na banheira de um edifício. Ele sabe que a escama é artificial, quase todos os animais são artificiais no tempo em que a história é ambientada. São produzidos industrialmente por engenharia genética. Ele recolhe essa escama na banheira. Isso é uma peça importante na pesquisa criminal que ele vai fazer. E aí, caminhando pelas ruas, o detetive passa pela pequena banca de um vendedor ambulante. O ambiente lembra os nossos camelódromos, principalmente se for um camelódromo informal, situado na rua, com o seu burburinho característico. Bom, esse é um momento crucial na investigação, e esse procedimento é realizado assim, quase que ao acaso, na rua, na banca de um ambulante de camelódromo do futuro, que, a pedido do detetive, examina a escama com um poderoso microscópio, com a finalidade de identificar o fabricante do animal ao qual a escama pertencia. O ambulante localiza, na escama, não apenas o código do fabricante como também infere que ela pertencia a um lote de serpentes que só compradores com alto poder aquisitivo poderiam adquirir. Isso tudo acontece assim, digamos que eu estivesse caminhando pela nossa Rua da Praia, passo por um camelô, tiro do bolso um saquinho e digo “ó, por favor, examina aqui essa escama e me diz quem é o fabricante, o tipo de material usado e as características do animal”. E o camelô prontamente me atendesse. E aí, voltando ao filme, podemos fazer várias perguntas. Por exemplo, por que, nessa sociedade futura de alta tecnologia tão disseminada no cotidiano, a maioria das pessoas está a viver em condições tão precárias? Elas vivem em condições opressivas e miseráveis, mergulhadas na tecnologia, tanto que um ambulante, um cara na rua, exposto ao tumulto da rua, aos fedores, aos crimes e à barra pesada que é aquela rua, é capaz de, em questão de minutos, examinar a peça e dar o laudo – “foi o fabricante tal que produziu essa escama, que é de uma serpente, é artigo de uma qualidade que custa caro”. Depois disso, está facilitado o próximo passo para o detetive. Ele pensa “serpentes caras são compradas para *shows* em cabarés de elite... Ah, tem uma mulher, no lugar tal, que faz um *show*, eu acho que com uma serpente”, e define o próximo passo de sua investigação em um minuto, por intermédio de um vendedor de rua que, tudo indica, leva uma vida nada confortável.



Então, essa é uma leitura muito interessante, quero dizer, existe um contraste gritante entre o nível tecnológico dessa sociedade futura e a qualidade de vida que a maioria de seus membros tem. Isso se passa na Los Angeles do século XXIII. Bom, é uma projeção fantasiosa, mas nós reconhecemos a ressonância dessa projeção com o nosso mundo. Pode-se pensar, por exemplo, o que, em nossa cidade, país, mundo, em nosso cotidiano, faz lembrar o filme. Esse filme é uma realidade possível no futuro? Considerando o nosso mundo hoje, poderá existir algo parecido no futuro e até mais exacerbado do que o modo como esse contraste se apresenta hoje? Nós temos muita tecnologia no nosso cotidiano. Se fizermos uma comparação com trinta anos atrás, uma tecnologia altamente desenvolvida está mais presente para todos em coisas pequenas, em objetos que as pessoas usam diariamente, nas suas roupas, em próteses que elas trazem adicionadas aos corpos, na quantidade de objetos que elas carregam consigo. E a qualidade de vida é assegurada por causa disso? Aquele contraste que aparece no filme é uma projeção de nosso presente?

A tecnologia é essa presença tremenda no filme. No entanto, as pessoas moram em edifícios arruinados, nos quais chega a chover dentro. Inclusive pessoas de posses, no filme, moram em prédios arruinados, tais como muitos edifícios que existem nas áreas centrais de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre, prédios que, no extremo, acabam por se tornar abandonados, assim como os prédios fantasmagóricos do filme. Estamos servidos cotidianamente por uma tecnologia complexa, essas comparações podem ser feitas. Podemos conviver com edifícios em ruínas, com encanamentos falidos, e encontrar, lá dentro, moradores pauperizados e que estão o tempo todo se comunicando com outros pauperizados através de celulares, passando mensagens, acessando computador, notebook. A leitura geográfica de *O caçador de androides* (DICK, 1989) pode estabelecer muitas interrogações acerca do nosso cotidiano.

Um significativo conjunto de textos sobre o urbano pode ser encontrado na literatura brasileira, citarei alguns autores. Eu sei que, às vezes, o pessoal na escola tem medo de ler Machado de Assis. Alguns consideram a leitura de Machado chata, difícil e anacrônica para adolescentes, mas os contos e romances do Machado de Assis são maravilhosos tratados

sobre o urbano, e considerá-los anacrônicos é confissão de leitura rasa e escassa capacidade para propor chaves de leitura que dialoguem com o contemporâneo. São também exemplos inspiradores, entre outros, *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo (2009), *Os ratos*, de Dyonelio Machado (2005), e os contos de Caio Fernando Abreu. O professor de Geografia que desenvolver sua leitura poderá ter ótimas ideias de como trabalhar esses livros, ou a partir desses livros, com seus alunos, provocando-os a ler e escrever sobre a geograficidade inerente à existência humana.

Ressalto, com isso, o desafio de encontrar formas de provocar a leitura e a escrita. Elaborar essas formas de provocar, num mundo que tem tanta resistência a ler e escrever, exige criatividade e adequação ao lidar com essa resistência. Textos curtos ou editados a partir de textos longos podem oferecer um bom caminho para, ao mesmo tempo, “ceder” frente a essa resistência e criar uma porta de entrada para o aluno terminar seduzido pela leitura e a escrita. Para isso, é fundamental que o professor crie propostas tentadoras de práticas de leitura e escrita.

Vou dar o exemplo de um pequeno texto que eu considero acentuadamente facilitador para tentativas nesse sentido. Está em desenvolvimento um estilo de escrita caracterizado pelo poder de síntese e pela união de muita sugestão com um mínimo de palavras: nanocontos e nanocrônicas, e outros textos curtíssimos, às vezes de difícil classificação quanto aos gêneros literários tradicionais. A ideia do conto nano remonta a alguns autores passados. Um dos primeiros que teorizou sobre isso foi o norte-americano Edgar Allan Poe. Ele disse que era pago por revistas para escrever para pessoas que tinham o tempo do deslocamento do trem de Nova Iorque a Boston para ler o texto.

Poe estimou que esse tempo equivallesse à leitura de vinte páginas, considerando a velocidade dos trens de então. Vinte páginas, para aquela época, era um texto curto, porque as pessoas estavam acostumadas aos romances longos, resultantes da soma dos muitos capítulos publicados periodicamente, como folhetins, pelos jornais. Esses folhetins eram como que as novelas televisivas do século XIX. Autores da literatura mais séria, digamos assim, publicavam de uma só vez livros extensos. Em ambos os casos, folhetins ou literatura de peso, a relação da leitura com o tempo era distendida. Edgar Allan Poe compreendeu que o mundo estava mudando

de forma acelerada, que outra tecnologia e novos ritmos de produção e consumo estavam emergindo, e que isso alterava o tempo possível para ser dedicado a leituras. Para ele, era improvável que autores como Balzac, por exemplo, continuassem sendo lidos por um grande público. Passaria a existir a hegemonia dos textos curtos. Para Poe, uma medida para estabelecer a extensão do texto curto seria pensar nos tempos de percursos de trem em viagens habituais, inseridas no cotidiano de muitas pessoas. O número de páginas deveria ter uma correspondência com o tempo desses trajetos.

A ideia dos nanotextos é uma atualização desse raciocínio técnico-geográfico de Edgar Allan Poe. A essência é a mesma, só que levada ao extremo pela aceleração dos ritmos. Qual é o tempo de uma viagem de uma estação de metrô em São Paulo a outra estação da cidade? Caso a pessoa esteja sentada, ela poderá ler textinhos, “inhos” no tamanho, mas não necessariamente na qualidade. Os nanos devem conter em si uma narrativa inteira, plena de sugestões de significados. Narrativas “completas” caracterizadas quase sempre pelo final em aberto. Surgem, então, contos e crônicas de uma linha ou duas.

Vou tomar como exemplo um conto escrito por Cíntia Moscovich. Esse nanoconto é assim: “A vida inteira pela frente. O tiro veio por trás”. Pronto, é essa a narrativa. Ela tem em sua brevidade toda a unidade complexa que deve ter um conto. Tem o personagem, ou melhor, tem os personagens, tem o enredo, a situação, a causa, o efeito e uma quantidade expressiva e em aberto de implicações: tinha a vida inteira pela frente, o tiro veio por trás.

Acredito que até os mais refratários à leitura não irão se aborrecer se tiverem que ler um conto dessa extensão, não é mesmo? E muitas coisas podem ser trabalhadas a partir dele. Pode-se pensar em muitas perguntas: quem é esse personagem? Onde ele morava? Onde seria mais provável que esse personagem morasse? Digamos que ele morasse em Porto Alegre, qual seria o bairro mais provável? Onde ele estudaria? O que ele faria costumeiramente? Qual seria a idade mais provável para esse personagem? Qual a sua classe social? As respostas podem ser muitas. Não existem respostas fechadas para essas perguntas. Eu, por exemplo, penso ser mais provável que o personagem tenha sido morador do bairro Restinga do que do Moinhos de Vento, porque, lá, os poderes públicos

garantem menos a segurança. Mas o incidente pode ter ocorrido no Moinhos de Vento ou no Bela Vista. Pode ter sido na saída de um clube, na saída de uma festa. Não precisa ter sido um assalto, pode ter acontecido uma briga entre dois caras que queriam namorar a mesma menina.

Então, há várias possibilidades. E essas possibilidades remetem justamente a isto: as possibilidades que podem ser identificadas no contexto social. A leitura geográfica não implica em dizer qual resposta é a certa, mas em fazer as perguntas que geram respostas que, por sua vez, nomeiam as possibilidades do contexto. Essas respostas podem surgir com os alunos escrevendo redações sobre o personagem que tinha a vida pela frente. Eles podem criar a história, podem criar o pai, a mãe, a família desse personagem, se é que ele tinha uma família. Podem criar o seu trabalho, onde ele estudava, etc. Podem comparar seus textos e debater sobre as características, talvez possam selecionar aspectos de diversos textos e compor personagens construídos coletivamente. Depois, podem procurar ilustrações, podem criar até uma fisionomia para esse personagem. Podem criar imagens relacionadas ao texto, e podem publicar isso na internet. Uma vez que eles criaram, debateram sobre as criações, recriaram e publicaram, pode-se prosseguir nessa experiência associando temas a esse personagem e sua história, dando-lhe, assim, um contexto cada vez mais palpável. O que significa dizer que a Geografia poderá ser aprendida em sua dimensão existencial, isto é, como a geograficidade que contextualiza a existência.

Práticas semelhantes podem propiciar a compreensão de diversos temas. Pode-se escolher um tema rural, por exemplo, e solicitar que sejam escritos nanocontos, relacionando personagens e ações a esse tema. Tal como no exemplo anterior, os nanocontos criados pelos alunos poderão ser as portas de entrada para novas leituras, escritas, criações e debates.

O exercício de dizer muito escrevendo pouco é altamente desafiador, e acho que pega as pessoas. “Pega” no bom sentido, no de que estimula, cativa. É um desafio que não parece muito difícil, não parece chato. E gera resultados surpreendentes. É no andar desse processo que a pessoa vai começar a perceber que está fazendo um grande exercício de leitura e de escrita.

Exercícios que estabeleçam essa recursividade entre leituras rápidas e escritas breves podem tomar por ponto de partida outras formas

de literatura. Podem ser formas ditas menores, porque o que está em questão não é a plena qualidade, como se esta fosse algo já dado e não uma meta a ser buscada, mas, sim, a capacidade de provocar a vontade de ler, e a partir disso incentivar escritas. Então, o ponto de partida pode ser, por exemplo, histórias em quadrinhos – sem se perder em discussões sobre história em quadrinhos ser inferior a isso ou àquilo, se é o máximo ou se é deplorável. Ela é uma forma de expressão reconhecidamente mais acessível e mais lida, embora eu saiba que, hoje, entre adolescentes de doze, treze, quatorze, quinze anos, histórias em quadrinhos também já sejam consideradas como coisas de velhos e de gente que tem tempo para ficar sentado lendo. Sem falar que as revistas são consideradas produtos muito caros por muitas pessoas. Comprar uma revistinha não é para todo mundo, e ter tempo para ficar lendo também não. Então, até mesmo histórias em quadrinhos já se tornaram leitura considerada elitizada. Mas histórias em quadrinhos continuam sendo, apesar das dificuldades, um ótimo meio para despertar atenção. E propiciam chances valiosas para leituras geográficas.

As histórias de muitos super-heróis são ambientadas no urbano, e quais são as cidades que aparecem no urbano? Aí, entra a leitura com o viés geográfico. Pode-se fazer a comparação de cidades norte-americanas com cidades brasileiras. Todas as cidades são como aquelas cidades que aparecem em histórias em quadrinhos? Que tipo de visual aparece? Até que ponto aquele visual é do mundo todo ou não? O que nós temos a ver com aquele visual? Se nós fôssemos ambientar uma história em quadrinhos na nossa cidade, como poderíamos representar a cidade? Que outros aspectos nós poderíamos fazer aparecer nessa cidade? Será que não existem histórias em quadrinhos sendo feitas na nossa cidade? A resposta é sim, e a maioria das pessoas se surpreende com isso. A quantidade de jovens desenhistas e roteiristas, em qualquer cidade grande do Brasil, fazendo histórias em quadrinhos, e de boa qualidade, é grande. E são desconhecidos. Transitam numa espécie de rede de autores e de leitores de histórias em quadrinhos.

Há poucos dias, fiz parte, como avaliador, da banca de defesa de mestrado de um grande autor de histórias em quadrinhos que mora aqui em Porto Alegre, chamado Rafael Costa. É um cara brilhante, autor de belos roteiros e desenhos. Ele escreveu uma dissertação exatamente sobre essa

relação entre história em quadrinhos e ensino de Geografia. Se tomarmos consagradas histórias em quadrinhos de super-heróis como entrada para despertar o interesse e fazer perguntas, fazer comparações com o nosso mundo, pode-se perguntar aos alunos leitores: como seriam essas histórias em quadrinhos na nossa cidade? Que autores existem por aí fazendo histórias em quadrinhos? Nós podemos pesquisar e começar a descobrir as revistinhas circulando por aí. Será que os alunos não podem fazer histórias em quadrinhos? Aí, ouviremos como resposta: “mas eu não sei escrever”, “eu não sei desenhar”. Mas será que para criar através de desenhos é mesmo preciso saber desenhar muito bem? Será que a internet não nos ajuda? Não podemos pegar imagens, colá-las, articular sequências com elas e depois colocar uns balõezinhos e escrever os textos? A história em quadrinhos não precisa ter vinte páginas, pode ser de apenas uma página também. Sei de professores que utilizam essa prática, que resulta em criações maravilhosas feitas pelos alunos, o que desencadeia discussões e compreensões de temas geográficos muito interessantes sobre o urbano, o rural, clima, natureza, crise ambiental, sobre as desigualdades sociais, as desigualdades étnicas, sobre a diversidade cultural, sobre coisas boas, lúdicas, sobre os lugares que eles gostam e os lugares que não gostam. Então, existe a possibilidade de fazer histórias ótimas, e aquele ponto inicial “eu não sei desenhar nem sei escrever”, é superado com facilidade no exercício de desenvolver as suas formas de linguagem. Um desenho pode começar como colagem, pode-se também pensar que os traços não precisam ser realistas ou retratistas, podem ser mais soltos, brincalhões, caricaturais. Os textos associados aos desenhos não precisam ser gramaticalmente corretíssimos. O que importa é que os alunos estejam conversando com essas linguagens, construindo um conteúdo e exercitando o seu domínio sobre os meios através dos quais expressam os conteúdos.

Em relação aos meios, outra pergunta se torna fundamental: a história em quadrinhos precisa ser concebida somente em papel? Os alunos deste novo tempo digital não serão capazes de escanear e colocar sua criação na *web*? Ou não serão capazes de desenhar diretamente no suporte digital? Nessa situação, provavelmente serão os alunos que irão ensinar aos professores como se faz. E vão aparecer resultados muito interessantes.

Então, nós estamos em um mundo de possibilidades, onde vale todo o tipo de pirataria, ou seja, de apropriação de coisas já feitas, de cópias, de colagens, de recortes, de junções como forma de estruturar pensamentos, de estruturar sequências e narrativas. Alguém poderá questionar se a qualidade dessas criações será boa. Penso que a pergunta não deve se dirigir a um determinado momento congelado de um processo, mas a sua totalidade. A qualidade, não da coisa, mas do processo, é boa na medida em que é a qualidade que propicia outra, outra e mais outra qualidade. Prosseguimentos, parece-me que é isso que está em questão. Não está em questão se um determinado livro inicialmente é bom ou ruim, e sim que o professor seja capaz de ser o autor de uma leitura daquele livro ou texto ou imagem, e propor atividades para os alunos irem gradativamente desenvolvendo seu pensamento através do exercício de vários tipos de linguagem, nesses ciclos de leituras que repõem escritas, de escrita que repõe leitura e de escritas e leituras que se associam com desenhos, fotos e outras linguagens.

Existe a dificuldade quanto à leitura e à escrita, mas de repente nós vamos num colégio, observar uma aula de Geografia, e descobrimos uma turma de alunos que estão escrevendo, desenhando, roteirizando, filmando, desenhando, fotografando coisas belíssimas. E vemos que, através de suas criações, estão se apropriando do conteúdo geográfico, que aí, nessas alturas, já se transformou num conteúdo transdisciplinar.

Eu penso que tudo o que a Russel falou sobre Biologia serve para a Geografia, e vice-versa. Acredito que a capacidade do professor em fazer leituras históricas, biológicas, sociológicas, geográficas deve se elevar pedagogicamente na capacidade de transformar a sua leitura em provocação para os outros não apenas lerem, mas escreverem, e não apenas lerem e escreverem, mas desenvolverem linguagens através de vários processos, usando os meios técnicos que estão à nossa disposição, desenvolverem a sua capacidade de criar linguagens através das quais se instaurem como sujeitos ativos da construção do mundo. Passarei para o PET Letras algumas sugestões bibliográficas sobre a relação da Geografia com a Literatura e com a leitura de imagens. Então é isso. Muito obrigado.

## Referências

- AZEVEDO, Alúcio. *O cortiço*. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- BLADE Runner. Direção: Ridley Scott. California: Ladd Company, 1982.
- DARWIN, Charles; GALINDO, Caetano Waldrigues. *O diário do beagle*. Curitiba: UFPR, 2006.
- DICK, Philip K. *O caçador de andróides*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- HUMBOLDT, Alexander Von; THOMAZ, M. Z. *As viagens de Alexander Von Humboldt*. São Paulo: Melhoramentos, 1966.
- KAFKA, Franz. *A metamorfose*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000a.
- KAFKA, Franz. *O processo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000b.
- MACHADO, Dyonelio. *Os ratos*. Brasília: Confraria, 2005.
- PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação*. Lisboa: Impr. Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- POLO, Marco. *O livro das maravilhas*. Porto Alegre: L&PM, 1999.